

O efeito Lúcifer em outros tempos? Reflexões sobre histórias de pessoas que se viram diante do extremo à época das primeiras cruzadas

The Lucifer effect in other times? Reflections on stories of people who found themselves facing the extreme at the time of the first crusades

Carlile Lanzieri Júnior¹
Francieli Aparecida Marinato²



Resumo: Próximos de sua normalidade cotidiana, de seus pares e lares, as pessoas costumam reagir de maneira cordial, comedida, civilizada. Diante do extremo e do que julgam desconhecido, costumam liberar sua pulsão agressiva e atacar em nome de uma causa maior ou em defesa de seu grupo. A história é pródiga nesses exemplos. A partir dos relatos de três personagens que viveram entre os séculos XI e XII, Guiberto de Nogent (c.1055-c.1125), Bernardo de Claraval (1090-1153) e Foucher de Chartres (1059-1127), pretendemos analisar esse tipo de reação no contexto das primeiras cruzadas. Em todos os casos selecionados, quase todos em diálogo com vertentes da Psicologia, acreditamos que estamos a lidar com algo que é próprio dos seres humanos e não de uma época, um lugar ou um grupo específico.

Palavras-chave: Civilização; Cruzadas; Guerra; Psicologia; Violência.

Abstract: Close to their daily normality, to their peers and homes, people usually react in a cordial, measured and civilized way. Facing the extreme and what they judge unknown, humans usually release their aggressive drive and attack in the name of a larger cause or in defense of their group. The history is lavish in these examples. From the reports of three characters who have lived between the eleventh and twelfth centuries, Guibert of Nogent (ca.1055-ca.1125), Bernard of Clairvaux (1090-1153) and Foucher de Chartres (1059-1127), we seek to analyze this kind of reaction in the context of the first crusades. In all selected cases, almost all in dialogue with aspects of Psychology, we believe we are dealing with something that is proper to human beings and not from a specific time, place or group.

Keywords: Civilization; Crusades; War; Psychology; Violence.



Introdução

No ano de 1120, em Soissons, uma pequena cidade situada ao norte da França medieval, as denúncias a respeito de um caso de heresia chegaram aos ouvidos do bispo local, um homem chamado Lisiardo (†1126). Depois de interrogar um dos líderes do movimento, um camponês de nome Clemente, o bispo decidiu o prender e o submeter ao ordálio pela água junto com um de seus companheiros³. As cenas finais do julgamento foram assim descritas pela pena de Guiberto (c.1055-c.1125), um dos cronistas mais prolíficos da primeira metade do século XII e à época abade de Nogent-sous-Coucy.

Atirado ao tanque de água, Clemente boiou como um pedaço de palha. Ao ver isso, toda a assembleia foi arrebatada com júbilo. Deve ser acrescentado que esse teste arrastou uma multidão de ambos os sexos e que ninguém conseguiu se lembrar de ter visto algo assim. O companheiro de Clemente confessou seu erro, mas sem expressar remorso. Com seu irmão condenado, foi atirado em uma cela. Dois outros heréticos declarados da vila de Dormans⁴ vieram para o espetáculo e do mesmo modo foram arrastados. Então, fomos ao Concílio de Beauvais para consultar os bispos sobre o que deveria ser feito. Enquanto isso, o povo, cheio de fé e temendo a fraqueza do clero, correu para a prisão, forçou-a e queimou os heréticos em uma grande pira acesa fora da cidade. Assim, o povo de Deus, por temer que esse câncer se espalhasse, fez justiça com as próprias e zelosas mãos (GUIBERTO DE NOGENT, *Monodiae*, Livro I, cap. 17)⁵.

O historiador espanhol Ricardo García-Villoslada (1900-1991) (1999, p. 745) tomou os relatos de Guiberto como um dos exemplos a respeito da antecipação das autoridades civis às eclesiásticas em relação aos castigos impostos aos hereges. Assim, de acordo com o que García-Villoslada propôs, a repressão sangrenta das heresias iniciou-se no seio do poder secular, não no âmbito do direito canônico, mas no civil. Nosso intento aqui não é caminhar pelas sendas da História do Direito ou adentrar os intrincados debates relacionados às heresias na Idade Média. Na verdade, desejamos tocar nas pontas mais profundas destas histórias e compreender as atitudes de pessoas diante de situações extremas que fogem em absoluto da normalidade cotidiana. Como tal, situações que tiveram como resultado atitudes inesperadas e intempestivas.

Quem foi o responsável por incitar a sanha da turba em Soissons? Quem a conduziu e deu a palavra final para o ataque? Quem desferiu o primeiro golpe



ou lançou a primeira pedra contra os hereges? Quem os arrancou da prisão e os arrastou em praça pública? Quem preparou e pôs fogo na pira que os queimou? As respostas para todas estas perguntas estão além do que nos dizem os extratos da fonte deixada aos pósteros pelo abade Guiberto de Nogent em um dos três livros de suas *Monodiae*. Contudo, é possível vislumbrar uma mistura de medo e ódio nas linhas e entrelinhas da documentação. Todas juntas, talvez a bradar palavras de ordem, aquelas pessoas decidiram fazer justiça com as próprias mãos muito antes de seus legítimos responsáveis. Sem hesitar, trucidaram aqueles que seriam a fonte do mal que tanto as incomodava. “Zelosas mãos” para sempre anônimas que fizeram jorrar o sangue alheio na esperança de logo reestabelecerem a paz que julgavam em perigo. Assim, da desordem momentânea, viram emergir a provável certeza de que a ordem fora finalmente refeita (BALANDIER, 1982, p. 41-42).

Em um primeiro momento, essa história, assim como tantas outras espalhadas através de fontes de origens variadas, serviria de justificativa para a manutenção do rótulo *Idade das Trevas* colado sobre o período de cerca de mil anos que se estendeu do final político do Império Romano ao início da era moderna. Uma época de violência e anarquia generalizadas alimentadas pela inexistência de poderes estatais centralizados e detentores exclusivos do uso da força e das armas. Em outras palavras: o nosso antimundo (BASCHET, 2006, p. 45). Contudo, em situações extremas, no embate com o desconhecido, com “o outro conveniente” que legitima o ódio (GAY, 1995), as referências históricas posteriores que tomaremos como contraponto explicativo indicam que agir em grupo de forma irascível não foi uma exclusividade dos homens e mulheres que viveram na Idade Média. Assim como os outros exemplos que serão apresentados e analisados nas páginas a seguir, o ódio exercido de forma coletiva nas ruas de Soissons pode ser muitas vezes compreendido não apenas como algo próprio de uma época, um lugar ou de um grupo social específicos, mas como algo que amiúde se manifestou ao longo de vários séculos, trazendo, como faces de uma mesma moeda, a barbárie e a civilização.

Dos laboratórios e da Literatura para o mundo real

O *efeito Lúcifer* (2015), este é o título do livro de Philip Zimbardo (1933-), professor de Psicologia da Universidade de Stanford, nos Estados Unidos. Obra volumosa de teor instigante, *O efeito Lúcifer* narra a história de uma experiência no mínimo inusitada pensada e conduzida por Zimbardo no início dos anos setenta



do século passado. Divididos em dois grupos distintos, vinte e quatro voluntários assumiram os papéis de carcereiros e prisioneiros a conviver no interior de uma prisão simulada nas dependências da própria universidade. Com o passar do tempo, as cobaias humanas de Zimbardo se transformaram. Ao introjetar os valores hierárquicos daquela divisão fictícia, os primeiros logo se tornaram violentos enquanto os últimos assumiram atitudes depressivas de desânimo e submissão. Comportamentos agressivos e maldosos tornaram-se corriqueiros no dia a dia do experimento⁶. O processo de despersonalização de ambas as partes não precisou mais do que uma semana para alcançar níveis preocupantes. No extremo, limites morais e éticos começaram a ser ignorados. Antes que alguma coisa pior acontecesse, o experimento foi interrompido. Os resultados colhidos por Philip Zimbardo e sua equipe eram de fato surpreendentes.

Mais recentemente, dois livros igualmente impactantes e de conteúdo semelhante chamaram a atenção do público especializado. *Crer & destruir: os intelectuais na máquina de guerra da SS nazista (2015)*, do historiador Christian Ingrao (1970), e *Diante do extremo (2017)*, do aclamado Tzvetan Todorov (1939-2017). Ambos têm como recorte analítico os horrores produzidos pelo governo nazista alemão na II Guerra Mundial (1939-1945) e a perseguição genocida imposta sobretudo a judeus. Com uma abordagem densa de verniz prosopográfico, Ingrao pinçou em depoimentos e outros vestígios deixados por membros da SS⁷ razões históricas, econômicas, sociais e pessoais para a formação de mentes totalitárias capazes de matar gente em escala industrial. Por sua vez, Todorov deu amplo destaque aos depoimentos de judeus que enfrentaram os tormentos dos campos de concentração e que tiveram que fazer escolhas terríveis diante de situações igualmente terríveis. Entre Christian Ingrao e Tzvetan Todorov, uma certeza: em cada uma das histórias analisadas, a presença de seres humanos que até então haviam levado uma vida absolutamente normal, vários com formação de nível superior, gente comum que, expostas a circunstâncias distintas do seu cotidiano, foram capazes de gestos deploráveis, tanto pela vida quanto pela morte.

Feita essa breve introdução teórica, recuaremos um pouco mais no tempo com o objetivo de analisar histórias parecidas entre os séculos XI e XII nos limites da Europa medieval. Estas histórias possuem um problema inicial: diferente do que Christian Ingrao e Tzvetan Todorov encontraram, elas não trazem narrativas deixadas pelos próprios protagonistas. Na verdade, são fontes escritas oriundas do universo clerical. Portanto, além do distanciamento temporal com o qual teremos que lidar, há um filtro social e cultural cuja influência não pode ser desprezada. E, por mais incrível que possa parecer, esses cronistas ligados à Igreja



não tiveram pudor algum ao descrever atos de violência praticados dentro e fora dos campos de batalha. Absolvição e condenação aparecem lado a lado nas linhas e entrelinhas das diversas páginas percorridas. Em todas, é importante destacar, as manifestações de contatos não raro ásperos e violentos entre pessoas que se consideravam portadoras de uma verdade superior e aquelas que supostamente a corrompiam. Por fim, ainda que existissem razões muito variadas para os massacres perpetrados, também não ignoramos a hipótese plausível de que esses cronistas julgavam ser absolutamente correto brandir a espada e incutir dor em quem julgavam representar o mal entre os homens ou que simplesmente não desfrutava da condição de ser humano tal como por eles era definida (HUNT, 2009, p. 97-98). Diante do extremo, seriam até mesmo capazes de matar sem problema algum.

Histórias de civilização e barbárie na Idade Média

Se deseja matar o outro e ele mata você, você morre como se fosse um homicida. Se ganha a batalha, mas mata alguém com o desejo de humilhá-lo ou se vingar, viverá, mas ficará como um homicida, e, nem morto nem vivo, nem vencedor nem vencido, merece a pena de ser um homicida. Mesquinha é a vitória que, para vencer o outro homem, exige que você se sucumba antes diante da imortalidade; porque se a soberba ou a ira lhe venceram, tontamente você se ufana por ter vencido um homem. Pode ser que tenha que matar outro por pura autodefesa, não pela ânsia de vingar-se, nem pela arrogância do triunfo. Mas eu diria que nem neste caso a vitória seria perfeita, pois entre dois males, é preferível morrer corporalmente e não espiritualmente. Não porque matam o corpo a alma também morre: somente a *alma que peca morrerá* (BERNARDO DE CLARAVAL, *Livro aos cavaleiros do templo sobre o louvor às novas milícias*, I, 2).

As palavras acima foram deixadas pelo abade Bernardo de Claraval (1090-1153) em um opúsculo há tempos reconhecido como o texto fundador da Ordem dos Templários (DEMURGER, 2007, p. 63-70). Personagem central na história da Igreja na primeira metade do século XII e um dos protagonistas na convocação da Segunda Cruzada (1145-1149) (TYERMAN, 2010, p. 323-329), Bernardo caminhou com desenvoltura entre os representantes dos poderes eclesiástico e secular. A eles distribuiu elogios, conselhos e advertências. Ao ter como base o diálogo com uma ampla linhagem de pensadores cristãos e pré-cristãos, buscou conectar a fé ao desejo de fazer justiça contra quem representasse o mal na Terra – o que ele próprio definiu como “malicídio”.⁸ E em



sua acepção monástica, isentos de mesquinhez, ira e soberba, apenas em função da proteção do povo de Deus e da Igreja, atos de violência e o consequente derramamento de sangue causado pelos homens das armas e da guerra se tornariam perfeitamente aceitáveis, desejáveis até. A retórica militarista de Bernardo muito bem evidenciada no extrato logo acima transcrito é uma constante em seus escritos⁹.

Provavelmente confeccionado entre os anos de 1126 e 1129, o apelo em prol dos cavaleiros do templo lançado pelo abade Bernardo de Claraval aponta para um mundo cristão ideal composto por pessoas igualmente ideais dotadas da capacidade de unir a força das armas ao desejo de servir única e exclusivamente aos desígnios de Deus e da Igreja. Portanto, ainda de acordo com o que Bernardo propôs, a violência comum ao universo cavaleiresco até poderia continuar, desde que encontrasse sustentáculos justos e racionais sobre os quais se apoiar. Para ele, matar por matar ou matar pessoas próximas em termos religiosos eram atos intempestivos que não faziam sentido algum. Contudo, na prática, arroubos de violência contra gente desarmada, sem distinção de sexo ou idade, foram relativamente comuns em diferentes momentos nas primeiras expedições rumo à Terra Santa (COSTA, 2009; MCGLYNN, 2009, p. 132-133; TYERMAN, 2010, p. 124-125).

O novo exemplo que trazemos a proscênio e que joga alguma luz sobre esse distanciamento entre o ideal bernardino e as práticas próprias do universo cavaleiresco pode ser observado nas ações iniciais de uma das expedições formadas logo após a conclamação feita pelo papa Urbano II (1042-1099) por ocasião da realização do Concílio de Clermond (1095). De acordo com o depoimento deixado pelo já citado abade Guiberto de Nogent, em Rouen, cidade situada na Normandia, região noroeste da França medieval, às margens do rio Sena, um grupo de cavaleiros decidiu tomar a cruz e seguir a convocação papal. Quando se preparavam para principiar a viagem para Jerusalém, decidiram atacar um alvo mais próximo. Uma vez mais, as palavras de Guiberto:

[...] alguns homens que haviam tomado a cruz com a intenção de partir para a cruzada começaram a se queixar: “Aqui estamos”, disseram, “partindo para atacar os inimigos de Deus no Oriente, tendo que atravessar tremendas distâncias, quando há judeus aqui mesmo diante de nossos olhos. Nenhuma raça é mais hostil a Deus do que eles são. Nosso projeto é insano!” Tendo dito isso, eles se armaram, reuniram alguns judeus em uma igreja – não



sei se por força ou astúcia – e os conduziram para colocá-los à espada sem consideração de idade ou sexo. Entretanto, aqueles que concordaram em se submeter ao modo de vida cristão poderiam escapar impedindo a matança (GUIBERTO DE NOGENT, *Monodiae*, Livro II, cap. 5).

Guerreiros a caminho da Terra Santa. Uma viagem feita pela terra e também pelo mar. Uma viagem longa e tortuosa da qual muitos partiam sem a certeza de um retorno, mesmo que demorado. As dúvidas a respeito do sucesso de tamanha empreitada eram parte de um cenário basicamente composto por um clima e uma paisagem pouco convidativos. Uma vez mais, homens fortemente armados diante do desconhecido, diante do extremo. Agir de forma violenta poderia ser simplesmente uma questão de tempo. Na verdade, bem pouco tempo. Uma pequena faísca seria o suficiente para fazer explodir aquele barril de pólvora. O acontecimento violento que se deu em Rouen possuía todos esses ingredientes [...] mais os judeus, é claro¹⁰.

Ainda nos escritos acerca do mesmo episódio em *Monodiae*, Guiberto de Nogent informou que uma criança judia foi poupada de tamanha chacina. Posteriormente, ela foi entregue aos cuidados de uma dama que a iniciou nos conhecimentos do cristianismo. Essa história de piedade em meio à barbárie demonstra que as forças de coerção do grupo e presentes em ambientes extremos produziram fissuras pelas quais sentimentos elevados afloravam. Este breve exemplo encontrado sob a pena de um monge do século XII se assemelha a diversos outros apresentados por Christian Ingraio. Na aludida obra *Crer & destruir*, Ingraio destacou as histórias de soldados alemães que sutilmente manifestaram em cartas e outros depoimentos suas crises de consciência. Alguns até mesmo chegaram a sentir fortes desconfortos físicos por serem obrigados a matar em sequência. Muitos agiam por horas a fio, quase todos os dias da semana. A solução então apresentada pelos líderes intelectuais da SS foi tornar essas atividades cada vez mais rápidas e impessoais. Nada de olhar nos olhos das vítimas e ver seus corpos tombarem já sem vida. As câmaras de gás foram o ápice da evolução desse processo que produziu mortes em quantidades absurdas (INGRAO, 2015, p. 211-271). Mas que fique bem claro, caro(a) leitor(a): no século XII, assim como no século XX, esses episódios isolados despontam como exceções que confirmam a regra velada, mas compreensível em função do contexto, de se impor a dor, o sofrimento e a morte aos dessemelhantes, aos adversários, sobretudo em situação extremas nas quais a ordem desejável estaria em perigo, assim como a própria vida. Aos inimigos



com os quais há pouca ou nenhuma conexão, a força do gládio.

Para além desses primeiros níveis interpretativos, o fato é que as assertivas dos abades Bernardo de Claraval e Guiberto de Nogent pertencem a uma longa linhagem de pensadores cristãos e pré-cristãos que vão, entre outros, de Marco Túlio Cícero (106-43 a.C) a Isidoro de Sevilha (560-636), passando por Agostinho de Hipona (354-430) e variadas passagens bíblicas. De uma forma ou de outra e à luz dos contextos nos quais viveram e disseminaram suas ideias, ambos buscaram encontrar justificativas para o uso das armas quando este se mostrava absolutamente justo e necessário, sobretudo quando direcionado contra os que não pertenciam à comunidade cristã ou a colocavam sob ameaça (FLORI, 2013, p. 42-44; TYERMAN, 2010, p. 48-64).

Contudo, mesmo que as assertivas dos abades Bernardo e Guiberto tragam informações valiosas, eles nunca estiveram na Terra Santa. Em nenhum momento de suas vidas, romperam os limites então conhecidos da Cristandade. Longe disso. Provavelmente, os infiéis descritos nos relatos que produziram e que ficaram para a posteridade jamais passaram diante de seus olhos com espadas em punho prontos para o ataque. Assim, a violência que buscaram justificar não era algo presente no dia a dia por eles vivido. Nesse sentido, os usos (e abusos) de uma retórica militarista desejosa por encontrar meios de canalizar a violência dos *bellatores* pode e deve ser interpretada também a partir de critérios internos, critérios que levem em consideração a dimensão política por trás da violência e da não violência presentes nos discursos dos homens da Igreja, destacadamente entre os que viveram e escreveram entre os séculos XI e XII¹¹.

Bem diferente das experiências dos dois abades com quais até agora dialogamos foi a de Foucher de Chartres (1059-1127), um conhecido cronista latino da cruzada que resultou na conquista de Jerusalém no ano de 1099 (RUNCIMAN, 2002, p. 300). Detalhada, a narrativa produzida por Foucher nos traz às mãos alguns outros fios de informações que nos permitem dar mais tessitura à trama até aqui exposta. Já mais próximos da Terra Santa, episódios de violência foram assim descritos por ele:

[...] os turcos, cheios de raiva, degolavam uma multidão de cristãos, gregos, sírios e armênios estabelecidos na cidade e, depois de os terem mortos, atiravam as suas cabeças com roqueiras e fundas para fora das muralhas, sob o olhar dos nossos, verdadeiramente entristecidos com semelhante espetáculo. De fato, estes bárbaros, receando que um dia estes cristãos nos ajudassem de uma



maneira ou de outra, tinham-lhes um grande ódio (FOUCHER DE CHARTRES, *A primeira cruzada*, capítulo XIV).

No entanto, muitos destes infiéis, e particularmente sarracenos que combatiam a pé, pereceram pela espada; os nossos, pelo contrário perderam pouquíssimos homens e trespassaram com as espadas todas as mulheres que encontraram nas tendas dos turcos. Todos então, com uma voz triunfante, abençoaram e glorificaram o Senhor, cujo direito misericordioso livrara de inimigos tão cruéis, reduzidos ao último extremo, devorados de inquietações, e tendo esperanças unicamente nele; todos se felicitaram pela vitória obtida sobre os pagãos vencidos e, enriquecidos com os seus despojos, regressaram cheios de alegria à cidade (FOUCHER DE CHARTRES, *A primeira cruzada*, capítulo XXIII).

Os dois extratos acima transcritos foram extraídos das crônicas produzidas por Foucher de Chartres. Ambos trazem um interessante jogo de oposições. Neste jogo nada velado, os cristãos e seus aliados foram mencionados em situações distintas, mas sempre como humanos portadores de sentimentos nobres, entre os quais, a camaradagem e a tristeza diante da morte trágica dos companheiros de luta. Características muito diferentes das de seus adversários, os infiéis, com ênfase nos sarracenos. Além disso, no primeiro extrato selecionado da fonte em questão, os cristãos aparecem de maneira passiva, objeto direto da fúria de seus inimigos cheios de raiva e ódio. Uma vez capturados, os primeiros tiveram suas cabeças cortadas. Já no segundo extrato, assumiram o protagonismo nas ações e revidaram com igual força os ataques sofridos. Para reforçar as oposições, Foucher deu conotação positiva aos sentimentos a eles atribuídos.

De ambos os lados, a guerra psicológica contra os inimigos. Na imagem, cruzados lançam com catapultas as cabeças de muçulmanos por cima das defesas da cidade de Niceia (atual Iznik, no noroeste da Turquia) durante cerco realizado entre os meses de maio e junho do ano de 1097 (Imagem disponível em NICOLLE, 2002, p. 21).



De ambos os lados, a guerra psicológica contra os inimigos. Na imagem, cruzados lançam com catapultas as cabeças de muçulmanos por cima das defesas da cidade de Niceia (atual Iznik, no noroeste da Turquia) durante cerco realizado entre os meses de maio e junho do ano de 1097 (Imagem disponível em NICOLLE, 2002, p. 21).

Se o nítido cuidado com as palavras diz muito acerca de como Foucher de Chartres construiu sua argumentação, algo que também chamou nossa atenção nos dois trechos escolhidos para análise foi a maneira como ele se referiu aos infiéis em confronto: uma massa anônima disposta a matar ou morrer, não mais que isso. Nenhum traço de humanidade a eles foi permitido. Nenhum sentimento elevado ou digno de fé, apenas vilania. Uma vez mais, um contraponto narrativo elaborado para sutilmente exaltar os cristãos e aqueles que se dispuseram a ajudá-los. Até mesmo a execução de mulheres por parte dos cruzados não causou repulsa em Foucher: a seus olhos, eram igualmente infiéis e certamente mereciam tal destino. Desta vez, nenhum rompante de misericórdia foi mencionado. O malicídio bernardino estava ali consumado.

Apagar qualquer resquício de civilização nos relatos acerca dos inimigos

soa como uma forma de reduzi-los à condição animalésca (e por conseguinte, à desrazão e à barbárie). Uma vez feita essa redução, os atos violentos dali resultantes tornar-se-iam aceitáveis, até mesmo aguardados como prova de seu caráter corretivo (MCGLYNN, 2009, p. 352-353). As semelhanças entre a desumanização dos prisioneiros e carcereiros da experiência de Philip Zimbardo em *O efeito Lúçifer* e o relato inicial de Guiberto de Nogent acerca do massacre de hereges na cidade de Soissons não são meras coincidências. Na verdade, confiamos que as três histórias tomadas em conjunto e inseridas em seus respectivos contextos nos ajudam a pensar e dizem muito a respeito dos questionamentos que conduzem nossa proposta central: como agem muitos dos humanos em situações extremas diferentes de sua normalidade cotidiana e diante de pessoas que julgam ser inferiores e/ou portadoras de algum mal que supostamente exige algum tipo de correção purificadora? Não raramente, ainda que alguns o façam sem perceber ou por motivos mais pragmáticos, rompem sem pestanejar a linha tênue que separa o bem do mal, o aceitável do inaceitável. A própria percepção de Foucher de Chartres, assim como a demonstrada pelos abades Guiberto de Nogent e Bernardo de Claraval, indica que a violência contra não cristãos (ou mesmo contra cristãos heterodoxos) era algo considerado admissível, ou pelo menos justificável. Implicitamente, também estava definido quem eram os verdadeiros portadores da civilização aos olhos dos testemunhos tomados (MCGLYNN, 2009, p. 351-352).

Embora detalhista nos vários relatos que produziu, Foucher de Chartres foi um homem de seu tempo, um homem que pouco conhecia o islã e suas histórias. Périplos intelectuais para além das fronteiras da Cristandade como os de Adelardo de Bath (1080-1152) eram pouco comuns no início do século XII (LYONS, 2011). Como homem de formação religiosa, Foucher, também como fizeram Guiberto de Nogent e Bernardo de Claraval, exibiu em suas palavras toda a carga de tradições, mitos e lugares comuns que serviram para justificar uma guerra santa contra os infiéis (cf. FLORI, 2013; WHEATCROFT, 2002, p. 126-134). Infiéis expostos como portadores da desrazão que residia no fato de não reconhecerem a revelação advinda do Deus dos cristãos. Ainda que em níveis variados, acusação que da mesma forma costumava pesar sobre os ombros das comunidades judaicas (ABULAFIA, 1992, p. 23-40). Em função desse desconhecimento ou simples recusa, não pertenciam à cidade de Deus arquitetada por Agostinho de Hipona no século V. Na verdade, a sujeitavam ao perigo por agirem como selvagens indômitos a viver única e exclusivamente para o corpo e os prazeres efêmeros deste mundo. Por serem assim, esses homens e mulheres deveriam morrer pela

ação corretiva das espadas cristãs. Além da salvação de suas almas, os portadores destas ainda teriam direito ao butim de guerra [...] sem dúvida, um bom negócio, assim na terra como no céu (MCGLYNN, 2009, p. 120).

Na sequência de nossas análises, é factível afirmar que os “bárbaros” descritos por Foucher de Chartres praticaram atos igualmente bárbaros no intuito de gerar medo em seus adversários. Um desses atos foi atirar de volta as cabeças dos prisioneiros cristãos degolados como se estas fossem meras peças de artilharia. Uma clara estratégia de guerra. E mesmo que esta cena estarrecedora não tenha acontecido exatamente como descrita por Foucher, ela no mínimo assume a condição de um recurso narrativo útil que certamente deu cores ainda mais vivas às conquistas da primeira expedição que alcançou a Terra Santa. Porém, o que despertou a indignação do cronista em questão não foi uma exclusividade de irascíveis infiéis em defesa dos seus, de suas posses e de sua fé. Não ficar com a maior parte dos prisioneiros era uma tática que se disseminava nos campos de batalha. Além de muitas vezes servir como forma de intimidar os rivais em luta, os prisioneiros mortos, sobretudo quando não eram nobres dos quais se pudesse exigir algum resgate, deixavam de ser um estorvo por não mais exigirem uma vigilância permanente, o que comprometia o efetivo no *front* (KEELEY, 2011, p. 188-189; MCGLYNN, 2009, p. 212-213). Com efeito, as mortes e o terror em larga escala descritos nos extratos acima selecionados novamente denunciam o quanto os homens podem ser violentos no confronto com os inimigos, com o outro que creem representar apenas o mal desordenador, mas também indicam algumas das imposições práticas conferidas pela logística de guerra.

Entre o episódio ocorrido em Soissons e os variados atos de violência produzidos pelos cruzados em diferentes momentos no caminho para a Terra Santa, há um outro ponto em comum: foram atos coletivos contra estranhos nos quais se enxergava a personificação do mal. Em diálogo com Gustave Le Bon (1841-1931) sobre a psicologia das massas e o comportamento de manada tantas vezes assumido pelos seres humanos, Sigmund Freud (1856-1939) desenvolveu seus argumentos ao ter como principal preocupação compreender como indivíduos de uma hora para outra abriam mão de suas particularidades e interesses pessoais para agir em conjunto com outras pessoas. Segundo Freud, ainda que todas essas pessoas (ou quase todas) sejam desconhecidas umas das outras, elas, em conjunto, passam a exercer forte influência sobre os indivíduos que confiam estar a serviço de uma ideia maior (FREUD, 2016).

Concebida no contexto do pós I Guerra Mundial (1914-1918), a teoria freudiana deu amplo destaque ao sentido de alma coletiva construído por indivíduos muito



diferentes entre si, mas conectados por um mesmo ideal e um mesmo sentimento de invencibilidade contra todos aqueles que simbolizam o inverso de tudo aquilo no qual creem. Embora oriunda da sociedade contemporânea, urbana e industrial, a teoria em questão nos auxilia na interpretação dos eventos violentos até aqui elencados. Sozinhos, como teriam agido aqueles que agrediram e mataram os heréticos na cidade de Soissons? Sozinhos face a face com quem entendiam como iguais, como teriam agido os cruzados que trucidaram os corpos de judeus e infiéis sem distinguir homens de mulheres, adultos de crianças? Provavelmente, de uma maneira distinta daquela apresentada pelos cronistas com os quais aqui trabalhamos. No mínimo, menos feroz, é factível supor. Por fim, não descartamos o fato de que o medo provocado pelos hereges, as incertezas que envolviam as cruzadas desde o instante da partida e o ambiente religioso ao qual estes fenômenos pertenceram certamente fomentaram novas hierarquias étnicas que acirraram ainda mais as diferenças entre os cristãos e seus supostos adversários, dentro e fora da Cristandade (BETHENCOURT, 2018, p. 45).

À luz de todas essas abordagens interpretativas, acreditamos que a empatia com a violência encontrada em fontes escritas por homens da Igreja diz muito em relação ao encontro com pessoas com as quais não existia interdependência alguma, ou com as quais esta deixou de existir de uma hora para outra, entre elas, heréticos e infiéis (MCGLYNN, 2009, p. 280). De acordo com Norbert Elias (1993), a referida interdependência foi um dos pilares a sustentar o processo civilizador que deu vez e voz à existência das sociedades de corte que se estruturaram na Europa ocidental a partir de meados do século XII. Gradativamente, ser rude e/ou violento com pessoas próximas passou a trazer sérias punições para os autores desses atos. Por sua vez, estes passavam cada vez mais a desenvolver, aperfeiçoar e disseminar mecanismos internos capazes de conter os próprios impulsos. Aos poucos, o antigo cavaleiro, senhor das armas e da guerra, da vida e da morte, perdeu espaço para o cavaleiro com seus afazeres burocráticos situados bem longe do sangue vivo ou coagulado dos corpos dilacerados e espalhados pelas trincheiras de outrora.

Na esteira da longeva tese civilizatória de Norbert Elias, Ian Morris (1960-) (2015) defendeu a proposta de que as guerras, analisadas sobretudo na longa duração, foram capazes de estabelecer a paz de forma ampla e duradoura. Na essência do que Morris trouxe a público, uma vez mais, a gradual aproximação entre as pessoas dá o tom das argumentações oferecidas. Aproximação essa que novamente nos faz pensar que, quanto maior a distância e o desconhecimento mútuo entre elas, mais fácil torna-se enganá-las e tratá-las de modo rude e cruel,

ou mesmo, não se espantar com a violação de seus corpos e a morte sangrenta a elas imposta. Assim, diante de gente vista como estranha e ameaçadora, com gestos, roupas e costumes igualmente estranhos e ameaçadores, os cruzados fizeram o que tinha que ser feito: lutaram e mataram. Lutaram e mataram como homens de outras épocas e lugares tantas vezes o fizeram. Como já observado, entre pessoas próximas e com pensamentos semelhantes, tais atos tornam-se incomuns e gradativamente condenáveis. Talvez esteja aí uma das explicações para a mencionada luta travada pela alta hierarquia da SS para instituir e inculcar nas mentes de seus subordinados técnicas capazes de tornar a morte nos campos de concentração céleres e impessoais. Isso impediria que sentimentos humanitários aflorassem em quem deveria conduzir com disciplina o genocídio de judeus, ciganos, portadores de deficiência e outras minorias não aceitas pelos mentores do III *Reich* (1933-1945).

Ademais, conforme supracitado, as massas de corpos despedaçados a se avolumarem de ambos os lados nas frentes de batalha indicam uma forma de pensar que deve ser entendida a partir dos horizontes de experiências e expectativas próprios do medieval. De fato, uma forma de pensar assaz anterior à empatia que se consolidou em séculos posteriores e que deu ensejo a um conjunto de propostas que abriu um novo campo de debates do qual brotaram o que hoje conhecemos como direitos humanos (HUNT, 2009, p. 28-29). Mas se a inviolabilidade dos corpos e o respeito às leis democraticamente elaboradas foram os preceitos básicos para a edificação de tais direitos já desde o alvorecer do século XVIII, os novos sentidos de razão, civilização e nação forjadas na modernidade criaram válvulas de escape que permitiram a violência e a intolerância existir de outras formas, contra outros personagens, contra outras formas de ser e estar no mundo¹².

Ainda segundo as assertivas de Norbert Elias em seu famoso livro, o processo civilizador iniciado por volta dos séculos XII e XIII encontraria o seu ápice na consolidação das sociedades burguesas respaldadas pelos Estados modernos e centralizados. Contudo, na prática, tal certeza de cariz teleológico se desfaz quando verificamos que esses cuidados tinham caráter eminentemente teórico e que aqueles que não foram enquadrados na condição de seres humanos pertencentes a uma nação e um território foram tão ou mais seviciados que os inimigos nos campos de batalha que se espalharam para muito além do medieval. E é sempre válido lembrar que, em função do alto preço imposto pela máquina de guerra e da crescente aproximação entre os grupos sociais de então, os medievais também foram capazes de sentar à mesa e negociar, o que lhes permitiu criar



alternativas normativas que lhes deram a chance de conviver e fazer com que a paz encontrasse meios de confrontar a guerra (ALMEIDA, 2017, p. 40).

Conclusão

Com a publicação de *O processo civilizador* do sociólogo alemão Norbert Elias, em 1939, a relação histórica entre civilização e barbárie ganhou protagonismo na agenda de debates de pesquisadores das mais diferentes áreas do saber. Desde então, é perceptível que, a longo prazo, a vida em sociedades cada vez mais complexas e interconectadas acabou por produzir uma estabilidade duradoura que prolongou a expectativa de vida das populações e fomentou atividades comerciais, industriais, artísticas e intelectuais mundo afora. Nosso intento foi adentrar em alguns dos interstícios dessas relações para entender nossos personagens diante de situações extremas, situações nas quais esse processo foi desafiado. E um fato curioso e ao mesmo tempo trágico foi constatado: no medievo, assim como em períodos mais recentes, muitos homens deram vazão à sua fúria destruidora contra os inimigos que julgavam subverter a ordem do mundo civilizado tal como a percebiam e confiavam ser a correta.

Pensar as histórias de violência entre os humanos na sua longa duração e não a partir de referenciais tomados por um velado viés progressista também foi a tônica de nossa proposta. Como complemento, buscamos compreender as condições que os fizeram (e por certo ainda fazem) agir de um modo violento e irracional. Essas histórias encharcadas de sangue, suor e lágrimas poderiam sugerir ao leitor menos atento a ideia de que a Idade Média foi realmente a idade das trevas como tanto se afirmou (e ainda se afirma, infelizmente). Na verdade, é importante frisar, entendemos que essas histórias dizem muito sobre a própria humanidade, não sobre homens e mulheres de um lugar ou uma época específicos. Assim, embora os cenários e os personagens possam ser outros, a violência dos medievais guarda várias semelhanças com a violência dos séculos XX e XXI: violência com objetivos pragmáticos, mas também alimentada pelo desconhecimento, generalizações preconceituosas e pela força do grupo. Por último, mas não menos importante: tudo isso nos deixa uma certeza: em diversos aspectos, evoluímos pouco, muito pouco... Os homens e as mulheres do medievo não agiram de forma diferente ou mais raivosa quando se viram diante do extremo. Eles foram apenas humanos, demasiadamente humanos.



Referências

ABULAFIA, Anna Sapiro. Theology and the commercial revolution: Guibert of Nogent, St. Anselm and the Jews in the Northern France. In: ABULAFIA, David; FRANKLIN, Michel; RUBIN, Miri (ed.). *Church and city (1000-1500): essays in honour of Christopher Brook*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992. p. 23-40.

ALMEIDA, Néri de Barros. Violência e paz: um diálogo com o passado medieval. In: ALMEIDA, Cybele C. de et al. (org.). *Violência e poder: reflexões brasileiras e alemãs sobre o medievo e a contemporaneidade*. Porto Alegre: DM, 2017. p. 23-40.

BALANDIER, Georges. *O poder em cena*. Tradução de Luiz Tupy Caldas de Moura. Brasília: UnB, 1982.

BARTHELEMY, Dominique. *L'an mil et la paix de Dieu: la France chrétienne et féodale 980-1060*. Paris: Fayard, 1999.

BASCHET, Jérôme. *A civilização feudal: do ano mil à colonização da América*. Tradução de Marcelo Rede. São Paulo: Globo, 2006.

BETHENCOURT, Francisco. *Racismos: das cruzadas ao século XX*. Tradução de Luís Oliveira Santos e João Quina Edições. São Paulo: Cia. das Letras, 2018.

BROOKES, Adam. Soldados dos EUA no Iraque são acusados de maus tratos. *BBC Brasil*, [São Paulo], 28 jul. 2005. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2005/07/050728_abusoscg.shtml. Acesso em: 21 mar. 2018.

COSTA, Ricardo da. “Então os cruzados começaram a profanar em nome do pendurado”: maio sangrento: os pogroms perpetrados em 1096 pelo conde Emich II von Leiningen (†c.1138) contra os judeus renanos, segundo as Crônicas Hebraicas e cristãs. In: COSTA, Ricardo da. *Ensaio de história medieval. Vitória: Sétimo Selo: CEMOrOC*, 2009. p. 109-131.

DEMURGER, Alain. *Os templários: uma cavalaria cristã na Idade Média*. Tradução de Karina Jannini. Rio de Janeiro: Difel, 2007.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: formação do Estado e civilização*. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

FLORI, Jean. *Guerra santa: formação da ideia de cruzada no ocidente*. Tradução



de Ivone Benedetti. Campinas: Unicamp, 2013

FOUCHER DE CHARTRES. *A 1.ª Cruzada*: um relato de quem esteve lá. Tradução de Joana Rosa. Mem Martins: Inquérito, 2001.

FREUD, Sigmund. *Psicologia das massas e análise do eu*. Tradução de Renato Zwick. 10. ed. Porto Alegre: L&PM, 2016.

GARCÍA-VILLOSLADA, Ricardo. *Historia de la iglesia católica: Edad Media (800-1303) : la cristandad em el mundo europeo y feudal*. 6. ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1999.

GAY, Peter. *A experiência burguesa: da Rainha Vitória a Freud: o cultivo do ódio*. Tradução de Pat Sauter. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

GOLDING, William. *O senhor das moscas*. Tradução de Geraldo Galvão Ferraz. São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.

GUIBERT DE NOGENT. *Autobiographie*. Paris: Les Belles Lettres, 1981 (Edição bilíngue latim-francês).

GUIBERT OF NOGENT. *A monk's confession: the memoirs of Guibert of Nogent*. Tradução de Paul J. Archambault, Philadelphia: PENN, 1996.

HELLER, Agnes. Agnes Heller: "A maldade mata, mas a razão leva a coisas mais terríveis". [Entrevista cedida a] Guillermo Altares. *El País Semanal*, Madrid, 2 set. 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/02/eps/1504379180_260851.html. Acesso em: 21 jun. 2018.

HUNT, Lynn. *A invenção dos direitos humanos: uma história*. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Cia. das Letras, 2009.

INGRAO, Christian. *Crer & destruir: os intelectuais na máquina de guerra da SS nazista*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

KEELEY, Lawrence. *A guerra antes da civilização: o mito do bom selvagem*. Tradução de Fábio Faria. São Paulo: É realizações, 2011.

LYONS, Jonathan. *A casa da sabedoria: como a valorização do conhecimento pelos árabes transformou a civilização ocidental*. Tradução de Pedro Maia Soares. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

McGLYNN, Sean. *A hierro y fuego: las atrocidades de la guerra en la Edad Media*.



Tradução de Tomás Fernández e Beatriz Eguibar. Barcelona: Crítica, 2009.

MORRIS, Ian. *Guerra: o horror da guerra e seu legado para a humanidade*. Tradução de Luís Reyes Gil. São Paulo: Leya, 2015.

NICOLLE, David. *Medieval siege weapons: western europe AD 585-1385*. United Kingdom: Osprey Publishing, 2002.

RUNCIMAN, Steven. *História das cruzadas: a primeira cruzada e a fundação do Reino de Jerusalém*. Tradução de Cristiana de Assis Serra. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

RUST, Leandro Duarte. *Bispos guerreiros: violência e fé nas Cruzadas*. Petrópolis: Vozes, 2018

SAN BERNARDO DE CLARAVAL. *Liber ad milites templi de laude novae militiae*. In: SAN BERNARDO DE CLARAVAL. *Obras completas de San Bernardo*. Tradução de Iñaki Aranguren e Mariano Ballano. Madrid: BAC, 1993. t. 1, p. 513-543.

SAN BERNARDO DE CLARAVAL. *Obras completas: cartas*. Tradução de Juan Maria de La Torre, Iñaki Aranguren e Mariano Ballano Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1990. t. 7.

PETERS, Edward (ed.). *The first crusade: the chronicle of Fulcher of Chartres and other source material*. 2. ed. Philadelphia: PENN, 1998.

TODOROV, Tzvetan. *Diante do extremo*. Tradução de Nícia Adan Bonatti. São Paulo: Unesp, 2017.

TYERMAN, Christopher. *A guerra de Deus: uma nova história das cruzadas*. Tradução de Heloisa gonçalves Barbosa. Rio de Janeiro: Imago, 2010. v. 1.

WHEATCROFT, Andrew. *Infieis: o conflito entre a cristandade e o islã - 638-2002*. Tradução de Marcos José da Cunha. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

ZIMBARDO, Philip. *O efeito Lúcifer: como pessoas boas se tornam más*. Tradução de Tiago Novaes Lima. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

Notas

¹Professor Adjunto C do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso (Cuiabá).

² Professora EBTT História do Instituto Federal de Mato Grosso e discente do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso (Cuiabá).

³Para a realização desse tipo de ordálio, a água era previamente benzida por um padre. Se o réu, homem ou mulher, afundasse, significava que a água tornada benta o aceitou. Isso era prova de sua inocência. Se permanecesse na superfície a flutuar, seria considerado culpado, uma vez que a água o recusou.

⁴À época, uma vila na região do rio Marne então pertencente ao conde da Champagne.

⁵Todas as traduções para o Português de fontes originalmente publicadas em línguas estrangeiras são de nossa autoria e inteira responsabilidade, exceto quando houver explícita indicação contrária.

⁶ Se o experimento do professor Philip Zimbardo e seus discentes não foi “real”, a violência praticada por soldados norte-americanos em Abu Ghraib foi bastante e chocou a opinião pública internacional há pouco mais de uma década. Construída em território iraquiano nos anos cinquenta do século passado, Abu Ghraib é uma prisão controlada pelo exército dos Estados Unidos. Desde o início da tomada do Afeganistão e do Iraque, nos primeiros anos deste século, a maioria dos prisioneiros que lá está é formada por pessoas que resistiram à presença das forças americanas e que também foram aliadas dos governos depostos naqueles países. Uma vez aprisionados, passaram a sofrer humilhações nas mãos de seus captores. Sem roupas e em posições constrangedoras para a fé islâmica, foram fotografados diante de soldados a rir dos castigos impostos. Já na era da Internet, as fotos correram o mundo a causar indignação. Acontecimentos como este revelam o quanto os seres humanos podem ser cruéis em situações extremas ou diante daqueles que julgam não desfrutar de uma condição humana plena (Cf. BROOKES, 2005)

⁷SS é a sigla para Schutzstaffel, que no português quer dizer Tropa de Proteção. A SS atuou como uma organização paramilitar subordinada ao Partido Nazista alemão entre os anos 30 e 40 do século passado.

⁸“Se sucumbe, ele sai ganhador; e se vence, Cristo. Por algo leva a espada; é o agente de Deus, o executor de sua reprovação contra o delinquente. Não peca como homicida, a não ser – eu diria – como malicida, aquele que mata o pecador para defender os bons. É considerado como defensor dos cristãos e vingador de Cristo contra os malfeitores” (BERNARDO DE CLARAVAL, *Livro aos cavaleiros do templo sobre o louvor às novas milícias*, III, 4).

⁹Como na epístola que escreveu a seu sobrinho Roberto, jovem monge que abandonou a vida austera da Ordem de Cister para viver em uma das casas da Ordem de Cluny: “Portanto, levanta-te, soldado de Cristo, levanta-te, sacode a poeira, volta à batalha da qual fugistes, para lutar com maior brio depois de tua fuga, e teu triunfo será mais glorioso, porque Cristo tem muitos soldados que começaram a lutar com intrepidez, perseveraram e venceram, mas poucos desertores arrependidos se arrojaram de novo ao perigo do qual se esquivaram. Poucos foram os que puseram em fuga aos inimigos de quem

fugiram” (BERNARDO DE CLARAVAL, Epístola I, 13).

¹⁰Em uma de suas epístolas, Bernardo de Claraval mostrou-se preocupado e condenou casos de violência contra judeus: “Não se deve perseguir, nem trucidar, nem mesmo expulsar os judeus. Interrogai a quem conhece as divinas páginas, que profetizam o salmo sobre os judeus, e o que diz a Igreja: ‘Deus me mostrou respeito aos meus grandes inimigos, para que não os mates, para que não se esqueçam de meu povo’. Eles são para nós uma memória viva que nos representam a Paixão do Senhor” (BERNARDO DE CLARAVAL, Epístola 363). Tal advertência não deve ser tomada como uma descrição exata da realidade. Na verdade, lida a contra pelo, a preocupação manifesta por Bernardo indica que a violência contra judeus existia e certamente cresceu com as primeiras cruzadas.

¹¹Há tempos, os temas relacionados à violência deram ensejo à formação de uma historiografia que enxergou em tais referências razões para descrever o medievo central como um período incerto marcado por conflitos constantes entre senhores feudais sempre prontos para a guerra e a conquista. Todavia, mais recentemente, as novas abordagens historiográficas buscaram novos caminhos interpretativos e passaram a produzir análises diferentes das até então estabelecidas. A própria palavra violência (*violentia*) passou a ser compreendida de maneira mais ampla e menos literal, aproximando-se gradualmente do desrespeito à Igreja e seus representantes, não propriamente agressões físicas, e também violação de direitos adquiridos, como a permanência em terra uma ocupada por gerações (cf. BARTHELEMY, 1999; RUST, 2018).

¹²Em entrevista recente para o jornal *El país*, a filósofa Agnes Heller (1929) afirmou temer a razão, pois esta, ao contrário dos momentos de ira e perda individual do controle emocional, é capaz de matar milhões em nome de lógicas muito bem fundamentadas e disseminadas nas páginas de livros e nos discursos de intelectuais de alta titulação (Cf. HELLER, 2017)